

ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2017 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins
Design gráfico: Flatland Design

Produção: Greca – Artes Gráficas, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito Legal: 433460/17
ISBN: 978-972-9451-71-3

Associação dos Arqueólogos Portugueses
Lisboa, 2017

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Levantamento topográfico de Vila Nova de São Pedro (J. M. Arnaud e J. L. Gonçalves, 1990). O desenho foi retirado do artigo 48 (p. 591).

Patrocinador oficial



PINTURA MURAL NA TRAVESSA DO FERRAGIAL, LISBOA

Raquel Henriques¹, António Valongo²

RESUMO

O aparecimento de um conjunto, embora, fragmentado, de pintura mural romana, datado do século I/II d.C., identificados durante uma intervenção de sondagens de diagnóstico arqueológico, realizadas no interior do edifício situado na Travessa do Ferragial nº 1 a 14, em Lisboa.

Palavras-chave: Pintura, Mural, Romano, Século I/II d.C.

ABSTRACT

The appearance of a fragmented set of Roman mural painting, dating from the first/second century AD, identified during an intervention of archaeological diagnostic surveys, carried inside the building located at Travessa do Ferragial nº 1 a 14 in Lisbon.

Keywords: Painting, Roman, Mural, First/Second century AD.

1. INTRODUÇÃO

A realização de sondagens arqueológicas de diagnóstico, no edifício da Rua do Arsenal, com números de polícia entre 116 e 132, em particular a sondagem 6, aqui destacada, localizada, na zona tardoz, correspondente ao nºs 1 a 14 da Travessa do Ferragial com cotas mais elevadas deu origem à identificação e registo de uma nova realidade, de todo inesperado, um contexto romano desconhecido até ao momento. Esta ação de diagnóstico foi solicitada aos signatários do artigo pelo promotor (*Veiga de Mago, Sociedade de Serviços Financeiros e Investimentos, Lda.*) em nome dos proprietários (*Lugares Delineados, S.A. e Morningtalents Unipessoal, Lda*), resulta de um programa de prospeção geotécnica realizada pela empresa *Teixeira Duarte* com o objetivo de reconhecer com maior detalhe as condições geológicas e geotécnicas do solo, das fundações do edifício, as características do terreno e da estrutura de contenção de terras existente(s) no tardoz do edifício ao longo da encosta, no sentido de confirmar e apoiar as decisões de projeto, para compreender o estado de conservação e preservação das sapatas do edifício.

2. SONDAGEM 6

Localiza-se no interior do piso 4 do edifício voltado para a Travessa do Ferragial. A sondagem teve uma implantação de 250cm x 250cm, no entanto, após a sua escavação foi identificada a existência de uma estrutura de cronologia indeterminada, que se desenvolvia fora dos seus limites iniciais. Com a necessidade de compreender a estrutura pétreia identificada e após reunião no local com o Promotor e a Tutela, procedeu-se ao alargamento da mesma, numa tentativa de obter um melhor registo, enquadramento, contextualização e conhecimento assim como uma descrição mais abrangente da estrutura identificada. A sondagem passou de 6,25m², sensivelmente, para cerca de 21,50m², com intuito de identificar, potenciar e/ou despistar qualquer condicionalismo em fase de obra.

No canto, a SE, da sondagem foi colocado a descoberto um muro (U.E: [611]) estrutura construtiva em blocos de pedras com ligante em argamassa branca, que se desenvolve para Sul (Figura 7). A estrutura positiva apresentava-se com um revestimento exterior de argamassa de cor amarela/esbranquiçada. Foi possível verificar que a estrutura não só se de-

1. Arqueóloga; raquelinahenriques@gmail.com

2. Arqueólogo; antonio.valongo@gmail.com

envolvia para Sul, mas também para Este, com a continuação de um outro muro (U.E: [630]) que corta os calco-arenitos, correspondentes ao substrato geológico identificado no local.

Depois da remoção de todas as estruturas recentes existentes no local, identificou-se o derrube de estuques pintados romanos (U.E: [626]), no interior da divisão, o sedimento argiloso bastante compacto, castanho claro com nódulos de argamassa branca e um número significativo de fragmentos de estuque pintado (Figura 2).

No decorrer da escavação do derrube romano (U.E: [626]), numa cota mais avançada e próxima ao aparecimento do derrube das telhas romanas (U.E: [629]), foi observado uma maior concentração de fragmentos arquitetônicos, elementos decorativos, frisos romanos que fariam a ligação entre as paredes da divisão com o teto, em argamassa areada, esbranquiçada com relevo e de revestimento estucado. Foi possível, recuperar dois bons fragmentos, num dos quais foi possível observar a ligação ao elemento estucado de cercadura policromada semelhante aos exibidos nas paredes do local. O depósito seguinte corresponde ao derrube de telhas romanas ao primeiro momento do derrube (U.E: [629]) (Figura 3). O sedimento é areno-argiloso, moderadamente compacto, de cor castanho amarelado. Apresenta nódulos de argamassa esbranquiçada e de argila vermelha, ainda, com a presença de estuque pintado embora parco, juntamente com *tegulae e imbrices*. Infelizmente não foi possível identificar qualquer vestígio ou presença do pavimento existente na divisão. Não sabemos qual seria o tipo de pavimento do local, apenas sabemos que os estuques pintados nas paredes, deste compartimento, assentavam sobre o pavimento, uma vez que foi possível observar um ligeiro levantamento, rebarba, no estuque pintado das paredes para assentar sobre o chão e não o chão a encostar nas paredes de estuque pintado. Na cota onde o pavimento estaria implantado, podemos dizer que, este, teria um ligeiro declive para o interior, justificado, eventualmente, com a intenção de colmatar e/ou evitar a presença de humidades nas paredes estucadas.

Relativamente ao tipo de pavimento que esta divisão pudesse auferir, apenas podemos apresentar algumas propostas, tais como, de terra batida e/ou madeira ou ainda algo construído com lajes, sendo esta a hipótese a mais plausível, no entanto observa-se uma total ausência de evidências arqueológicas,

de material construtivo, que possa ser associado ao pavimento. Contudo, é importante mencionar que devido ao luxo atestado e evidenciando nas paredes, estucadas, com representações geométricas e policromadas, é difícil acreditar que o pavimento possa ter sido “tão” modesto, por isso propomos com muita cautela, na caracterização desse nível de pavimentação, que este tenha sido, em lajes de pedra, entretanto removidas durante o abandono do local. Do pavimento, inexistente, podemos apenas especular, como hipótese, que durante o abandono do local houve um intuito furtivo na sua remoção, devido, provavelmente, à sua importância porém são questões de difícil resposta pois os vestígios recuperados não nos permitem uma resposta mais contundente.

3. PINTURA MURAL

O estuque pintado observa-se encostando/revestindo as paredes (U.E's: [611 e 630]), apresenta-se com uma argamassa de espessura variável em média com 4 cm, no interior do compartimento com o objetivo de receber o estuque, esse feito à base de cal que servia para receber as tintas, colocadas antes que a camada seguinte se encontrasse totalmente seca, formando combinações cromáticas e em algumas delas translúcidas (Figura 9).

No canto a Norte o painel mural com a U.E: [634] (Figura 5), encontra-se solidário com o muro U.E: [630], constituído por blocos de pedra de médio calibre emparelhados desenvolvendo-se para Este. Encontra-se preservado *in situ*, um pequeno losango em vermelho pompeiano mais próximo do edifício contíguo, corresponde a um pequeno fragmento de cerca de 50cm x 40cm. No canto a Oeste do muro preserva-se um pequeno fragmento de painel com cerca de 90cm x 30cm com motivos geométricos. A moldura inferior, o plinto, apresenta um fundo branco com alguns traços de vermelho pompeiano, sendo terminado e colmatado no canto, simultaneamente com o outro muro que se desenvolve a Sul (U.E: [611]), é possível observar também, outra moldura a desenvolver-se para Este que se apresenta com um fundo a branco e alguns traços em verde oliva sendo uma continuação do estuque anterior, é uma tentativa de representação marmoreada, nos limites inferiores mais próximos do chão. Esta técnica de imitação, *opus sectile fictícios*, observa-se em particular nos plintos, através dos jogos decorativos

de imitação dos veios, irregulares, do mármore que se repetem em séries, formando um fundo. Esta técnica teve uma grande expressão um pouco por todo o mundo lusitano. (PEDROSO, R. (2005))

A composição da moldura superior é formada por uma pequena cercadura com 7cm de espessura, em verde oliva, interrompida por uma linha reta de cor branca, filete, com canto quadrangular que envolve o painel, observado em cima, este, quadrangular, em vermelho pompeiano, sendo interrompido por um outro filete de cor branca com canto quadrangular. Nesta parede de estuque pintado podemos observar, uma particularidade, no canto superior (a NO), a reparação na pintura, diferenciada pela ausência do vermelho pompeiano existente na composição mas antes em tons de bege, evidenciando a reparação ocorrida.

O estuque pintado no canto a Oeste (U.E: [633]), do compartimento (Figura 4) encontra-se solidário com o muro que se desenvolve para Sul (U.E: [611]). Nesta parede de estuque pintado podemos observar no canto superior a Norte, também, uma reparação na pintura diferenciada pela ausência do vermelho pompeiano e com a presença da tonalidade bege. A composição artística do fresco com a U.E: [633], que se desenvolve para Sul, continua a Oeste, através da ligação/solidária ao estuque com a U.E: [634], mencionado anteriormente. Observa-se preservado *in situ*, um retalho com cerca de 90cm x 80cm. O plinto apresenta-se quadrangular em tons de branco com linhas em verde oliva com representação marmoreada, fazendo a ligação com o fresco observado na parede solidária (U.E: [634]), através das linhas e traços de vermelho pompeiano, onde se verifica a constante aplicação de *opus sectile fictícios*. A composição da moldura superior, acima do plinto, é composta por uma pequena cercadura de 7cm de espessura em verde oliva, interrompida por um filete de cor branca com canto quadrangular que cerca o painel observado na parte superior, quadrangular, em vermelho pompeiano, vedando assim o seu interior. O interior é interrompido por duas linhas retas, filetes, de cor branca formando um canto quadrangular. Os estuques devem ser compreendidos e interpretados juntos uma vez que ambos se apresentam solidários e contínuos.

O limite a Sul da divisão romana é interrompido pelo muro tardoz do edifício (U.E: [608]), sendo a Este interrompido pela presença da sapata do edifício contíguo (U.E: [632]), corresponde à divisão

entre edificadas com uma orientação N-S. Podemos concluir que o edifício, a Este, com o número de porta 16 na Travessa do Ferragial, cortou esta realidade, uma vez que parte desta realidade desenvolve-se com essa orientação. A realidade a Sul desapareceu, provavelmente, devido à queda da escarpa existente no local porém não conseguimos identificar qualquer evidência arqueológica que comprove. Poderá, também, ser compreendida pela pressão urbanística, causada pela construção do muro de contenção, no tardoz do edificado.

4. CONCLUSÕES

A grande novidade deste edifício depreende-se com a sondagem 6, na Travessa do Ferragial 1 a 14, com o aparecimento de níveis romanos, até então, desconhecidos no local, sendo o conhecimento de vestígios romanos mais próximos na Rua Vítor Cordon nº 31. Possibilitando assim o alargamento do conhecimento atual, em relação à área de influência romana da cidade de *Felicitas Iulia Olisipo*, aproximando-a à linha de costa do rio Tejo pois as zonas costeiras sempre foram bastante férteis e aprazíveis. A particularidade da localização, no cimo da arriba, aumenta a posição privilegiada de observação da navegabilidade no rio Tejo, determinado assim a importância do local em período romano.

A ação dos fatores naturais e antrópicos provocam quase sempre a destruição das partes superiores das estruturas e consequentemente preservando as zonas inferiores das mesmas (mais próximas do solo). Assim os derrubes/derrocadas ofereceram uma proteção aos rodapés, plintos, dos estuques tendo sido possível enquadrá-los nos esquemas estilísticos da pintura mural romana, dentro do estilo III, que com as devidas cautelas, podemos reconhecer alguns paralelos com a casa de Mitreo, em Mérida.

O aparecimento dos frisos em argamassa esbranquiçada e estucada, além do conjunto de pintura mural identificado *in situ*, assim como os fragmentos de estuque pintado retirados do local, promovem este “modesto” contributo para o conhecimento, das técnicas decorativas presentes no mundo romano, particularmente, na cidade de *Felicitas Iulia Olisipo*. Através dos níveis de derrube ocorridos no interior da divisão e atestado pelo parco material arqueológico, recuperado, podemos dizer que o abandono do sítio terá ocorrido durante o século II/III d. C. Compreende-se por um conjunto de bojos de pas-

ta alaranjada, alguns anfóricos, uma asa anfórica Lusitana 3 (Inv.0095), um prato em carena de *terra sigillata* hispânica de Andujar, forma Dragendorff nº15/17 (Inv.0096), assim como um bordo de um pote de cerâmica comum (Inv.0089) e um fragmento de vidro (Inv.0088). Foi possível retirar duas moedas de bronze em muito mau estado de conservação (Inv.0092 e Inv.0093), correspondentes ao primeiro momento do derrube (U.E:629), uma das quais, após uma análise microscópica foi possível observar o busto do imperador Adriano (reinado 117-138), por isso concluímos que a construção do compartimento, em particular da pintura mural, não poderá ser posterior ao século I/II d.C. Este conjunto de estuques romanos identificados *in situ*, vem ajudar a enriquecer os contextos já conhecidos em alguns locais na cidade, nomeadamente nas Termas dos Cássios (FERNANDES, L. 2004), enquadrando-se no horizonte da pintura mural observada nos Armazéns Sommer (GOMES, A. 2004).

AGRADECIMENTOS

Atendendo ao estudo prematuro deste contexto em particular, não poderíamos deixar de considerar um pequeno parágrafo de agradecimentos:

Aos proprietários, *Lugares Delineados, S.A. e Morningtalents Unipessoal, Lda* que custearam todos os trabalhos de arqueologia à empresa promotora *Veiga de Mago, Sociedade de Serviços Financeiros e Investimentos, Lda.*, pelas condições criadas para a boa execução dos diversos trabalhos, ao Rodrigo Banha da Silva, Arqueólogo, C.A.L. e F.C.S.H. – U.N.L. e ainda a Lídia Fernandes, Arqueóloga, coordenadora do Museu de Lisboa- Teatro Romano/ E.G.E.A.C., ambos pela generosidade na partilha de conhecimentos.

BIBLIOGRAFIA

CASTILHO, Júlio (1981) – *A Ribeira de Lisboa*. Vol. IV. (4ª ed.) Câmara Municipal de Lisboa.

FABIÃO, Carlos (2010) – *Modelos forenses nas cidades da Lusitania: Balanço e perspectiva*. In NOGALES BASARRA-TE, Trinidad, ed. *Cuidad y Foro en Lusitanea Romana*. Mérida, Museo Nacional de Arte Romano, pp. 343-359.

FERNANDES, Lídia (2004) – Decoracao architectonica da villa romana de Frielas. In *Arqueologia como documento*. Loures: Museu Municipal, pp. 21-36.

FERNANDES, Lídia (2006) – O teatro de Lisboa: intervencao arqueologica de 2001. In *Actas del Congreso Internacio-*

nal sobre Teatros Romanos en Hispania, Córdoba 2002. Córdoba: Seminario de Arqueologia, pp. 181-204.

FERNANDES, Lídia (2007) – A decoracao architectonica de epoca romana do *municipium olisiponense*: a propósito de alguns elementos architectonicos da Praça da Figueira (Lisboa). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Serie IV. 25, pp. 291-336.

FERNANDES, Lídia (2011) – A decoração architectónica de *Felicitas Iulia Olisipo*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Volume 14, pp. 263-311.

GOMES, Ana (2004) – *Relatório dos Trabalhos de escavação nos Armazéns Sommer*, Lisboa.

GOMES, Ana; GASPAR, Alexandra; PIMENTA, João; VALONGO, António; MENDES, Henrique; GUERRA, Sandra; PINTO, Paula; RIBEIRO, Susana (2004) – *Primeiros resultados da intervenção arqueológica nos Armazéns Sommer, Lisboa*. Comunicação apresentada ao IV Congresso de Arqueologia Peninsular. Faro 2004.

HENRIQUES, Raquel; VALONGO, António (2017) – *Relatório dos Trabalhos Arqueológicos da Rua do Arsenal Nº116/132*, Lisboa.

PEDROSO, Rui (2005) – Pintura Mural Luso-Romana. *O Arqueólogo Português*, Série IV, 23, pp. 321-366.

ROCA ROUMENS, Mercé; FERNANDEZ GARCÍA, Maria Isabel (2005) – “Introducción al estudio de la cerámica romana. Una breve guía de referencia” – CVDAS nº1, *Revista de Arqueología e História*, Málaga: Universidade de Málaga.

SILVA, Raquel (2000) – A Uilla romana de Frielas. *O Arqueólogo Português*, Série IV, 18, pp. 71-84.

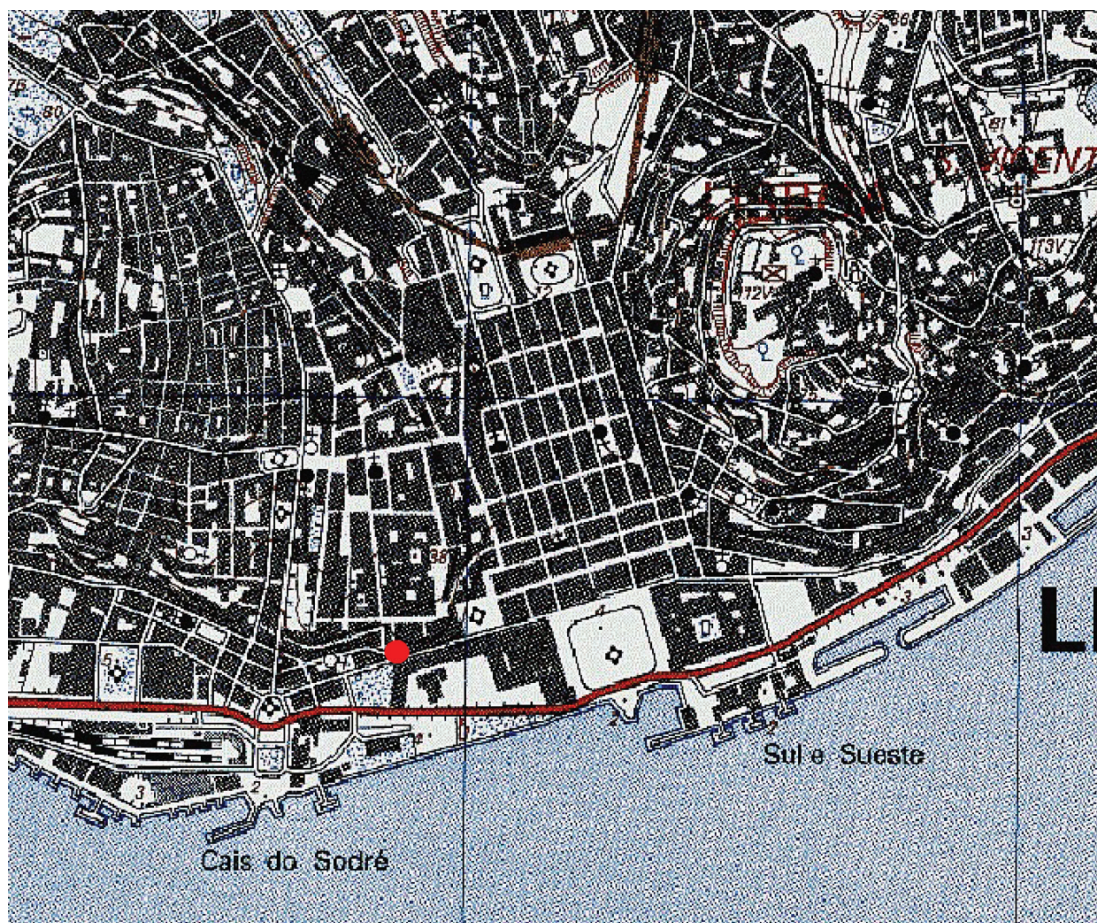


Figura 1 – Localização: C.M.P 1:25.000 folha nº 431, coordenadas 38° 42' 27.3" N, 9° 08' 27.1" W.



Figura 2 – Nível de derrube de estuques romanos (U.E:626).



Figura 3 – Nível de derrube de telhas romanas, 1º momento do derrube (U.E:629).

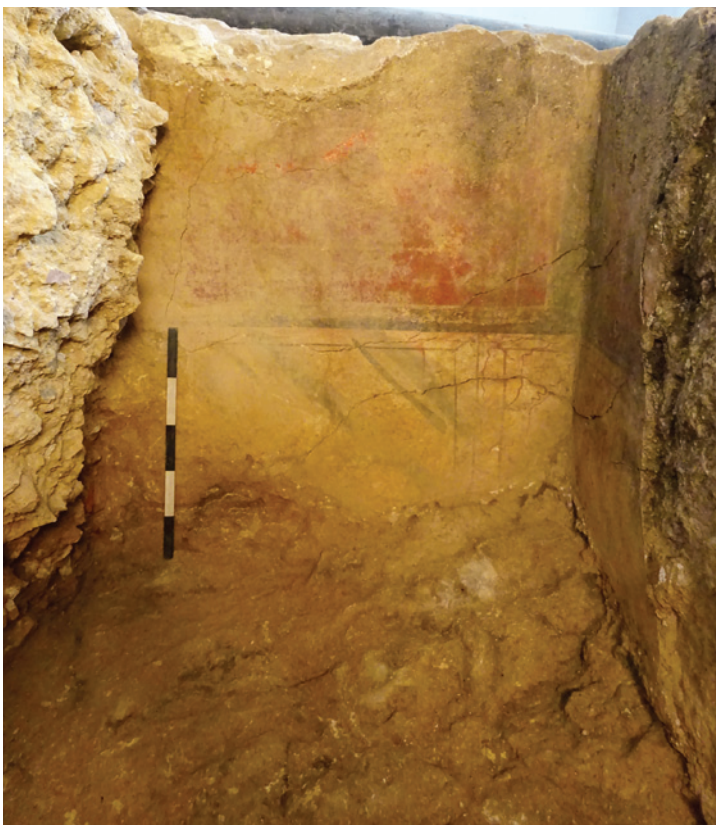


Figura 4 – Pintura mural, alçado oeste (U.E:611/633).



Figura 5 – Pintura mural, alçado Sul (U.E:630/634).

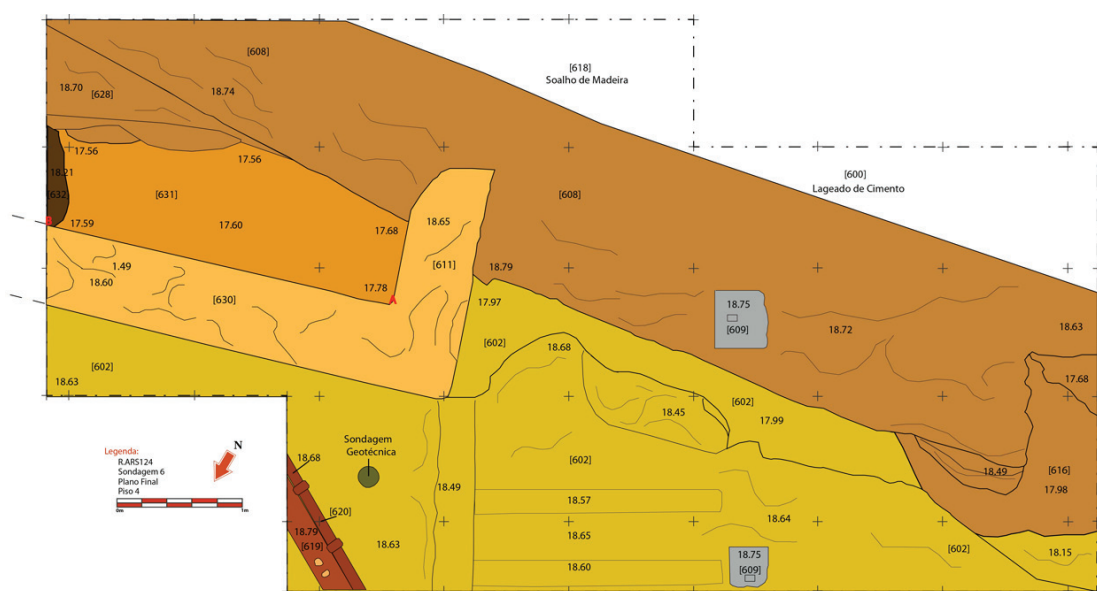


Figura 6 – Planta Final da Sondagem 6.

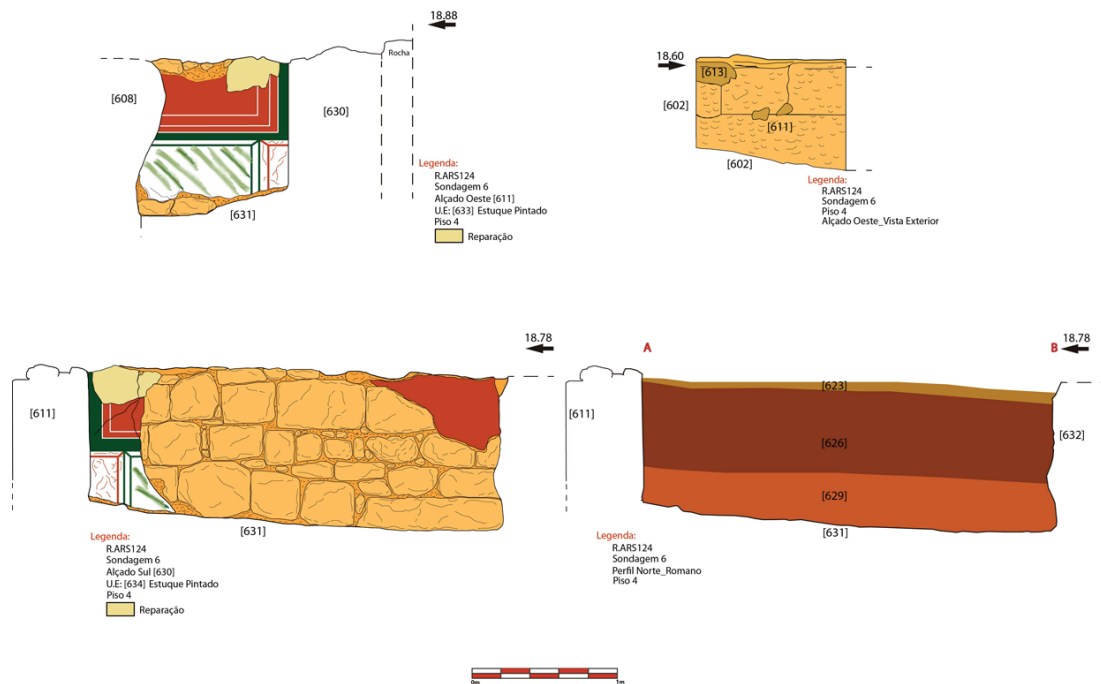


Figura 7 – Pintura Mural, alçados e perfil estratigráfico.

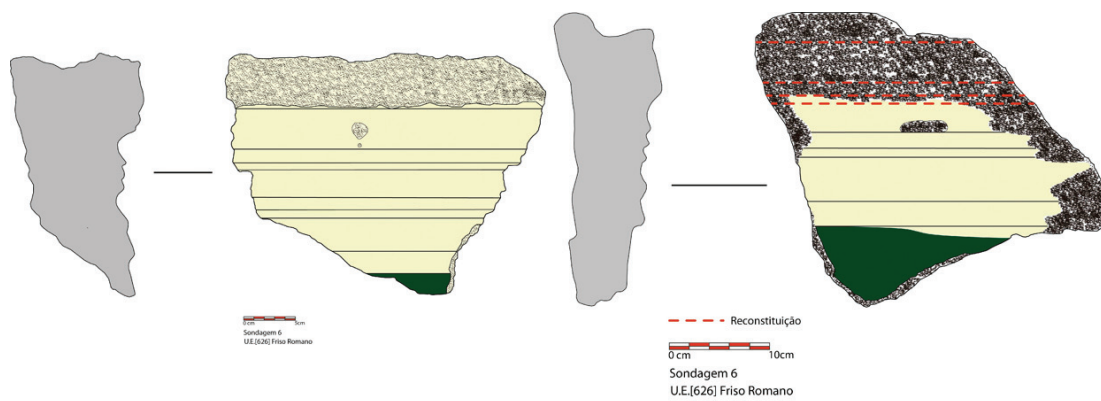


Figura 8 – Exemplo dos frisos estucados.

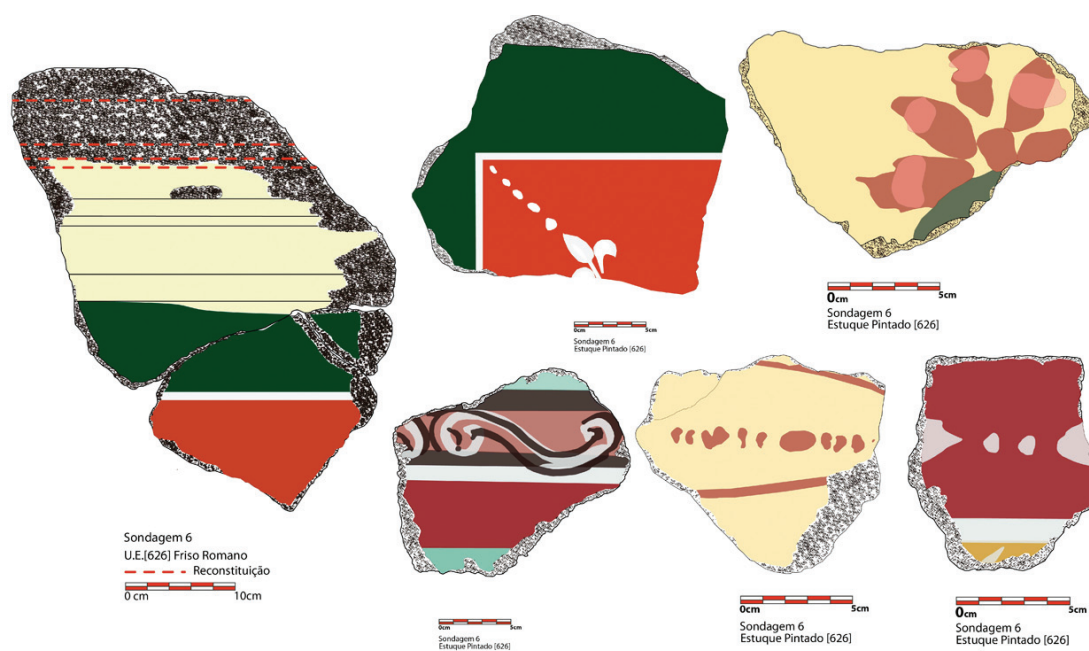
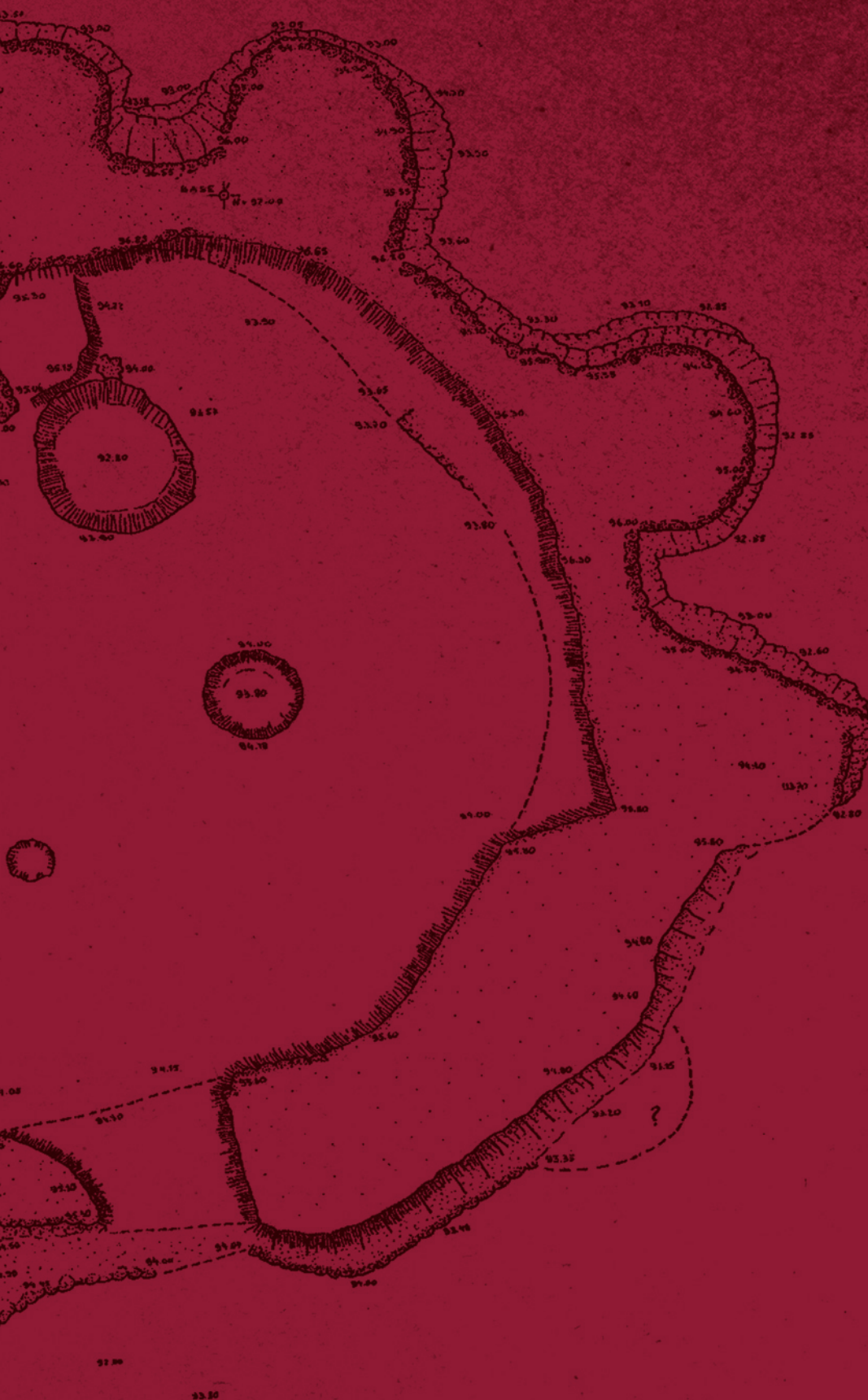


Figura 9 – Exemplo de alguns fragmentos de estuques recolhidos no derrube da U.E:626.



Patrocinador oficial

AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

U FLUL
LISBOA
LETRAS
LISBOA

FCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

**FUNDAÇÃO
MILLENNIUM
BCP**